

SPEND IN

7 € • Summer issue 2019

PORTO

Antonio Vivaldi (1678-1741)

Allegro non Molto

Sotto dura Stagion dal Sole arde Languida L'huom, languie 'l gregge, ed arde il Pino;
Languidez per il caldo

Violino
Principale



Allegro non molto - Piússimo



Scioglie il Cucco la
B Il Cucco



Sopra il Cantino



www.spend-in.com



A ESSÊNCIA DO ESSENCIAL



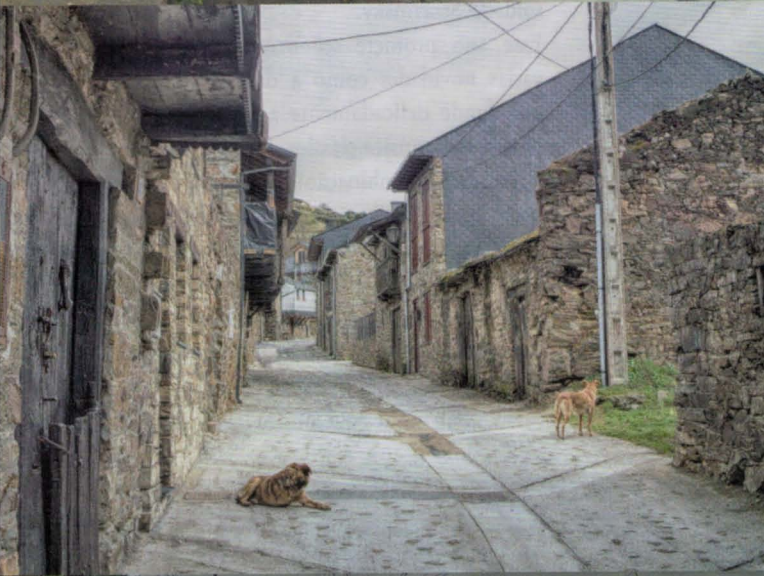
JUAN RAMÓN CORPAS

Uma vida no caminho

Texto por ANDRÉS PUCH

A biografia de Juan Ramón Corpas responde às inquietudes de um multifacetado humanista. Médico de profissão, é um autor prolífico tanto em prosa como em teatro e poesia e também é um homem comprometido com a sociedade, tendo ocupado cargos institucionais tão importantes como o de Conselheiro da Cultura e Turismo do Governo de Navarra. Atividades que compatibilizou com a sua paixão pelo Caminho de Santiago, rota a cujo estudo consagrou boa parte da sua vida.

Juan Ramón Corpas é um dos melhores conhecedores da rota jacobea. A sua vasta formação profissional e cultural, assim como uma multifacetada atividade vital na qual compatibilizou o exercício da medicina com a sua atividade literária e política, são a expressão viva das inquietudes e vitalidade de um homem que sentiu intensamente o feitiço transformador do Caminho de Santiago. Uma artéria que desde tempos remotos tem sido o cordão umbilical da Península Ibérica com a Europa e que teve um papel essencial ao longo da sua vida. “No ano 1962 foi criada na minha cidade natal, Estella, a Associação dos Amigos do Caminho de Santiago de Estella. Foi a primeira de Espanha, apenas precedida pela de Paris. Eu era uma criança de





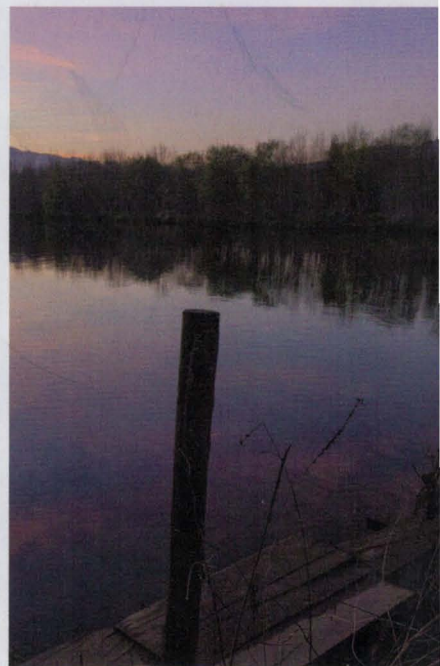
“O Caminho reúne o impulso espiritual e o intelectual de uma forma dificilmente comparável com outras experiências”

nove anos, mas participei em algumas das suas primeiras atividades e, com o passar do tempo, colaborei tanto com a associação estellesa como com muitas outras do Caminho, em Espanha e noutros países. O Caminho ofereceu-me a oportunidade de conhecer, percorrer os seus trilhos, partilhar experiências, cooperar em ocasiões e constituir uma amizade mais profunda com algumas das pessoas mais fascinantes do ponto de vista intelectual e de maior estatura ética e espiritual que se possa imaginar, e dotadas em numerosos casos de uma bagagem de generosidade que me ensinou muito e marcou para sempre” explica Juan Ramón. Essa dimensão humana do Caminho, juntamente com a profundidade espiritual e intelectual que o seu percurso imprime no peregrino, é uma das vertentes que mais interessa a Juan Ramón, desse universo que se expressa em catedrais e cruzeiros, ermidas e todo o tipo de lendas, romances, canções, festejos e devoções populares. Nas suas obras essa ligação com o Caminho está presente de uma forma ineludível como o próprio explica: “O Caminho e a sua presença poliédrica podem ser traçados, de uma forma ou de outra, em parte pela minha obra poética bem como pela narrativa. Evidentemente está presente em vários dos guiões redigidos tanto para rádio como para desenvolvimento audiovisual. Também nos textos das duas obras de teatro estreadas existe referências diretas ou indiretas. Além disso, é o motivo principal de vários dos ensaios, glossários e monografias publicados em diversas épocas e editoriais. E, naturalmente, em alguns trabalhos coletivos. Ainda que não faça parte do enredo de qualquer uma das minhas obras, encontra sempre algum subterfúgio para se colar numa página e interpelar-me”. Experiências de vida, estudo e leituras foram modelando tanto a personalidade de Juan Ramón como o significado que o Caminho tem para ele e que tenta explicar aos participantes de cursos como o

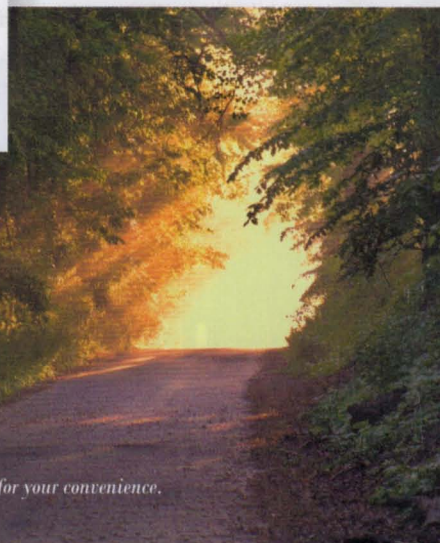




que dirigiu recentemente no Museu do Prado, “a mais alta instituição cultural do universo hispanófono” como o próprio o define. Através destes cursos, de diferentes perspetivas, sobre os resultados das últimas investigações para os seus participantes, de aspetos tão variados como o sepulcro e a figura do apóstolo, a configuração cultural da Europa, o desenvolvimento dos núcleos urbanos em torno da rota ou os segredos que os trabalhos arqueológicos e de restauração revelaram, dos quais foi objeto o Pórtico da Glória do Mestre Mateus. Nesse sentido, Juan Ramón Corpas reivindica os ensinamentos e o espírito profundamente europeu do Caminho, sobretudo como local de encontro num momento em que diversas forças sociais e políticas questionam a ideia de Europa. “Os caminhos compostelanos são uma lição contínua e constante. Neles encontramos tudo e encontramos-nos com todos. Aprendemos e recordamos, de que enquanto tivermos os olhos abertos somos produto de uma história velha e renovada, largamente trabalhada mas nascente e original todos os dias. Filhos de todas as culturas que circularam por esta rua maior da Europa. Fruto do depósito promiscuo de mil gentes, povoadores, migrações, pensamentos, raças, iniciativas, ideias, universos... O peregrino, ao percorrer a longa senda do Ocidente, reconcilia-se com a natureza, reconhece-se em e com o seu corpo e adquire ou recupera a consciência da sua própria fragilidade e isso fá-lo ser mais vulnerável e ao mesmo tempo mais solidário, generoso, ou inclusive fraterno”. Um legado histórico e espiritual que considera que deve ser preservado pelas instituições sem alterar a experiência pessoal e intransferível que significa para o peregrino, assim como a essência da rota original. “As instituições devem fazer o que se espera delas. Ajudar os investigadores com financiamento suficiente e publicações de qualidade. Cuidar, conservar e restaurar o património, o grande património, o modesto e o popular. Não basta consolidar as fachadas das catedrais se se deixarem cair as paredes de enxaimel ou as varandas de tábuas de castanheiro das pequenas aldeias que preservaram durante séculos tantas bonitas fórmulas de arquitetura e outras artes tradicionais; manter em bom uso o itinerário jacobeu... e pouco mais. Evitar o intervencionismo excessivo. Respeitar a liberdade do caminhante jacobita. E tendo a consciência de que a peregrina-



Juan Ramón Corpas é um dos melhores conhecedores da rota jacobea, um trajeto que desde tempos remotos é o cordão umbilical entre a península ibérica e a Europa.

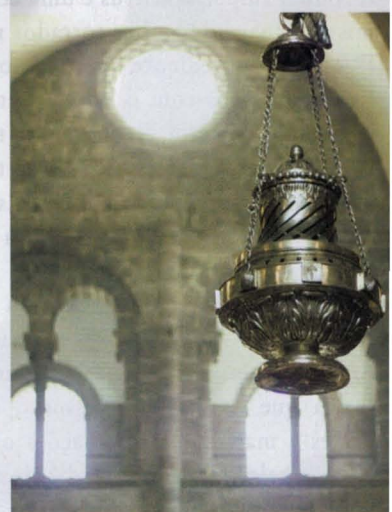


The full content is translated and can be found in the booklet stored in the end of the magazine for your convenience.



nação representa uma contribuição relevante para uma zona de Espanha periférica e pouco habitada, devemos incentivar um turismo cultural que seja capaz de proporcionar recursos sem desvirtuar o espírito do Caminho nem alterar a sua atmosfera emocional. Também, na minha opinião, agora que toda a Península Ibérica foi povoada de setas amarelas e foi constituída numa intrincada retícula de itinerários compostelanos, alguns neonatos, devemos manter uma atitude respeitosa para com a rota das rotas, o traçado escrito nas linhas do Codex Calixtinus e nos rastros das sandálias da história: o velho e venerável Caminho Francês”. Essa fidelidade ao espírito original da rota é, para além do seu profundo conhecimento da mesma, o que mais continua a seduzir Juan Ramón. Caminho este que recomenda realizar a pé já que desta forma “o peregrino recupera o modo natural de realizar um itinerário, a forma que o ser humano o fez desde a sua criação até à modernidade. Isto reconcilia-o com o tempo e com o espaço. Com o tempo porque o caminhante retorna a um ritmo e a uma comunicação com a natureza e consigo mesmo que os homens de hoje há muito que esqueceram. Com o espaço porque caminhando vê-se tudo de outra forma. E a intensidade e precisão com que se gravam as imagens que o nosso olhar capta é inversamente proporcional à velocidade com que as contemplamos. Percorrer o mundo a pé é como deter-se em cada lugar, em cada monumento, sim, mas também numa infinidade de pequenos pormenores”. Uma vivência transformadora, nunca igual, sempre em contínua mutação que para este autor navarro é impossível de abranger pela “sua enorme estatura histórica e espiritual e, sobretudo, porque como todos os grandes frutos do engenho dos homens, nasce e renova-se cada dia. Da mesma forma que todos os mitos arraigados no imaginário humano germinam e refazem-se sempre que são narrados, o Caminho é o mesmo, mas diferente, cada vez que é percorrido”. Finaliza Juan Ramón.

O peregrino reconcilia-se com a natureza, reconhece-se em si com o seu corpo e adquire ou recupera a consciência da sua própria fragilidade



Juan Ramón Corpas abraçando a imagem do apóstolo S

